

Perspectivas para a construção de práticas pedagógicas solidárias a partir de Freire e Bakhtin

José Wnilson Figueiredo¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca de possíveis caminhos, a serem trilhados na educação, com vistas à construção de práticas pedagógicas solidárias nos diversos espaços educativos da sociedade. Para isso, dialogaremos com a Filosofia de Bakhtin e com a Pedagogia de Paulo Freire acerca das possíveis complementaridades, dos pensamentos desses autores, a respeito de temas relacionados às práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação; Ética; Diálogo.

Perspectives for the construction of pedagogical practices solidaries from Freire and Bakhtin

Abstract: The present article aims to present a reflection about possible ways, to be traced in education, with a view to the construction of educational practices in solidarity in the various educational spaces of society. For this, we will dialogue with the Philosophy of Bakhtin and with the Pedagogy of Paulo Freire about the possible complementarities, of the thoughts of these authors, regarding subjects related to pedagogical practices.

Keywords: Education; Ethics; Dialogue.

Introdução

No mundo globalizado, assistimos uma crise de diversos contornos em que se entrelaçam os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e educacionais que, somados, resultam problemas de grande magnitude e complexidade para a sociedade. No cotidiano das pessoas, a crise se verifica pela presença da mercantilização nas relações humanas proporcionada pela lógica do mercado, que privilegia o econômico em detrimento dos aspectos éticos, culturais, sociais e políticos.

Desse modo, há um rompimento dos laços de pertença ao grupo e à comunidade, enfraquecendo, assim, as práticas colaborativas e cooperativas entre as pessoas, já que há um predomínio do paradigma utilitarista, centrado no individualismo, presente na maioria dos grupos sociais, em que os valores ligados à solidariedade, reciprocidade, comunhão, respeito, amizade e tolerância estão relegados a um segundo plano. Logo, as pessoas perdem saberes ligados à vivência cotidiana de interligação destas com os ecossistemas naturais do local a que estão inseridas, de modo particular, e o planeta Terra de maneira geral. (MORIN, 1997).

Em linhas gerais, podemos dizer que vivemos em um mundo onde predomina a lógica de uma globalização assentada na competição, no culto ao individualismo, na diminuição da presença do estado

¹ Doutor em Educação em Ciências pela UNIJUI. Pós-doutorando pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor do Instituto Federal Catarinense - Campus Concórdia.

em setores relacionados ao bem estar das comunidades (educação e saúde), na apologia do pensamento único, no dinheiro como medida de todas as coisas da vida e no estímulo ao consumo desenfreado. Estas características da globalização geram problemas de toda ordem para a vida de grande parte da população mundial, sobretudo aos ligados ao desemprego e a miséria. A esse respeito, Santos (2005) afirma que:

A globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos e a corrupção. (SANTOS, 2005, p. 19).

No campo educacional, os problemas decorrentes da globalização atingem a maioria das organizações sociais pela implantação do paradigma utilitarista do mercado - alicerçado na lógica capitalista do interesse e do egoísmo - que se manifesta através da vinculação da educação à lógica empresarial. Ou seja, as empresas participam cada vez mais da vida dos espaços educativos impondo os conteúdos, a serem comunicados aos discentes, de acordo com os seus interesses. Assim, esses espaços tornam-se ambientes onde o conhecimento é comunicado como se fosse um serviço prestado à economia de forma dependente, conforme a afirmação de Laval (2004):

O novo modelo escolar e educativo que tende a se impor está fundamentado, inicialmente, na sujeição mais direta da escola à razão econômica. Ele depende de um “economismo” aparentemente simplista cujo axioma principal é que as instituições, em geral, e as escolas, em particular só têm sentido dentro do serviço que elas devem prestar às empresas e à economia. (LAVAL, 2004, p. 03).

Diante desse cenário de crise, podemos vislumbrar caminhos possíveis para a reconstrução de práticas pedagógicas, que se apresentem como alternativa a lógica utilitarista vigente na maioria dos espaços educativos. Nesse sentido, a educação vista como um processo que pode levar a um desenvolvimento social e cognitivo dos seres humanos em atos calcados no paradigma antiutilitarista, o qual é ancorado na cooperação e na solidariedade. Ou seja, a educação, nesse paradigma, é um processo que se constitui pela ação da linguagem, entre os atores educativos, com vistas à emergência do diálogo recíproco e da dádiva nas relações humanas, conforme afirma Sabourin (2008):

Educar não se constitui apenas numa relação de dádiva assimétrica e unilateral do educador que sabe para o educando que não sabe ou de pais para os filhos. O processo de aprendizagem e da construção da autonomia nasce e se fortalece na interação entre o educando, o educador, o meio e até com os outros aprendizes. Educação, portanto, também é reciprocidade. (SABOURIN, 2008, p. 01).

A educação como prática de reciprocidade se impõe como uma necessidade para o enfrentamento dos grandes problemas que a humanidade atravessa no que se refere às tantas tragédias, as quais compõem o cenário de desumanização, como diz (ANDREOLA, 2011, p. 02): “fome, miséria, guerras de extermínio, epidemias, desemprego, repressões, torturas, perseguições violentas e exclusão crescente são algumas faces da desumanização”. Nesse sentido, escolhemos dois autores (Bakhtin e Freire), para uma conversa acerca de novos caminhos possíveis para a construção de práticas educativas solidárias no mundo dos diversos espaços educativos, já que esses autores, em vários de seus escritos, colocam o diálogo e a ética da responsabilidade como categorias fundamentais para a emergência de um mundo mais humano, o qual se estrutura através da ética, da estética e da política.

Nessa conversa, o nosso objetivo é apresentar – em termos gerais - uma reflexão acerca de possíveis caminhos, a serem trilhados na educação, com vistas à construção de práticas pedagógicas solidárias

nos diversos espaços educativos da sociedade a partir da Filosofia de Bakhtin e da Pedagogia de Paulo Freire. Para alcançar esse objetivo traçado, vamos utilizar o caminho metodológico aportado na pesquisa bibliográfica das concepções epistemológicas e políticas desses autores para que em intercomunicação essas concepções pontuar as complementaridades dos autores mencionados com vistas à construção de práticas pedagógicas centradas em pressupostos voltados para uma educação que vise à realização de uma humanidade plena, a qual é fundada em atributos, como a compaixão pelo próximo, a solidariedade e a benevolência para com os outros. (SAVATER, 2005).

Dessa forma, vamos apresentar as possíveis convergências entre a Filosofia de Bakhtin e a Pedagogia de Paulo Freire, elegendo duas categorias trabalhadas por esses autores (a ética e o diálogo), como possibilidades para a efetivação de práticas educativas dirigidas para uma perspectiva de um mundo mais humano e solidário. Inicialmente, na primeira seção deste artigo, a ética é apresentada como fundamento imprescindível para a efetivação de uma educação como prática solidária nos diversos campos da sociedade por meio dos referenciais freireanos e bakhtinianos.

Já na segunda parte deste artigo, a ênfase dada é no diálogo como fundamento primordial para a constituição do ser humano pautado pelos valores da dádiva, da reciprocidade e da cooperação. Por fim, nas considerações finais, são apresentadas as possíveis convergências e complementaridades de Bakhtin e Freire com a finalidade da constituição de uma educação capaz de ajudar na edificação de uma sociedade mais justa e solidária do ponto de vista social e do acolhimento a todas as culturas e a todos os saberes presentes no mundo humano.

Ética como condição para uma educação como prática solidária

As obras de Freire e Bakhtin foram influenciadas de alguma maneira pela Filosofia dialógica de Martin Buber, no que tange aos conceitos das categorias do diálogo e da ética como pressupostos para a constituição dos sujeitos históricos como seres de relação e de respeito para com os outros, visando à construção, através da linguagem, de um mundo mais solidário.

Inicialmente, vamos trabalhar a categoria da ética, na obra de Paulo Freire e Bakhtin, como ponto de partida para a consecução de um diálogo em torno de temas fundamentalmente humanos como a solidariedade, a compaixão e o respeito às diferenças para com os outros. Nesse sentido, consideramos a ética uma das condições fundamentais para a efetivação da transformação de uma educação centrada na racionalidade instrumental para uma educação assentada na dádiva, na cooperação e na reciprocidade.

Em Freire, encontramos em suas obras uma preocupação constante com a Pedagogia, na formação de educandos e educadores, em prol de uma educação como um processo dialógico crítico em favor dos que sofrem opressão no mundo. Para isso, Freire problematiza em torno das situações existenciais das pessoas para construir um conceito de educação, que se fundamenta em torno de elementos éticos, estéticos e políticos contidos no fazer pedagógico dos atores dos diversos espaços das organizações sociais.

Na obra pedagogia da autonomia, Freire enfatiza a importância da questão de uma ética eminentemente humana no sentido da promoção de um mundo mais fraterno e solidário, quando afirma, nesse livro, que se deve lutar em favor da ética universal do ser humano em contraposição a antiética da lógica utilitarista do mercado, que se assenta no lucro, conforme Freire (1996):

Educadores e educandos não podemos, na verdade escapar a rigorosidade ética. Mas é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro”. (FREIRE, 1996, p. 05).

No âmbito da Pedagogia, Freire destaca que ensinar é uma tarefa imprescindível na constituição dos seres humanos como sujeitos históricos e sociais do ponto de vista ético pela capacidade de intervenção no mundo, através da linguagem, na elaboração do pensamento em torno de temas a serem aprendidos e ensinados ao longo da existência. Nessa direção, Freire (1996) escreve que:

Mulheres e homens, seres históricos-sociais, nos tornamos capazes de intervir, de escolher, decidir, de romper, por tudo isso, nos fazemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. (FREIRE, 1996, p. 33).

Na perspectiva freireana a dimensão ética sempre está vinculada à dimensão estética na elaboração de situações de ensino e aprendizagem de educandos e educadores no tocante à transformação da consciência ingênua para a consciência crítica dos temas abordados nos ambientes de aprendizagem, como revela pelo enunciado (FREIRE, 1996, p. 32-33): “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre estética. Decência e boniteza de mãos dadas”.

A dimensão ética no processo de formação, do ser humano no mundo, como pessoa, nos espaços de aprendizagem, pressupõe tomada de posição do educador frente aos problemas de discriminação de toda ordem, os quais devem ser objetos de diálogo entre todos que compõem esse espaço com vistas ao anúncio de um futuro em que todos caibam no mundo. Ou seja, pensar e agir de maneira ética exige que a pessoa conviva e respeite o outro diferente do seu modo de ser. Nesta direção, Freire escreve sobre a ética que o educador deve assumir na prática docente, de modo particular, e como as pessoas, de modo geral, deve assumir a ética como condição para a formação de uma sociedade fundada em práticas cooperativas e colaborativas. Ou seja, uma sociedade onde prevaleçam valores fundamentais para uma realização de uma vida plena, onde qualquer forma de violência seja denunciada para que se anuncie um futuro impregnado de valores que assegurem o respeito às diferenças, a compaixão aos outros, a convivencialidade e a solidariedade com os oprimidos, conforme diz Freire (2008):

A ética define o dever ser, estabelece os princípios morais de convivência e respeito, regula nossa presença no mundo. Para evitar a trapaça da ideologia digo que a ética tem que ver com o bom senso. Por exemplo, a partir deste ponto de vista, seria ético explorar as pessoas? Discriminar o diferente? Será correto humilhar, ironizar, menosprezar o aluno ou aluna? Rir-se dele ou dela? Intimidá-los? A partir do bom senso ninguém pode aceitar isso. A eticidade é uma atitude concreta que não provém de discursos abstratos, mas sim vivê-la em toda a sua justeza e plenitude. (FREIRE, 2008, p. 44).

Nesse mesmo caminho de Freire, Bakhtin aponta o acontecimento ético como constitutivo do ser humano, como pessoa, na interação com os outros. Ou seja, nós nos constituímos como seres históricos através das vivências culturais e sociais imersas em uma determinada sociedade. Estas vivências são impregnadas de aspectos estéticos e éticos que atuam de forma entrelaçadas, sendo que o ético está condicionado ao acontecimento estético, o qual é necessário na formação do humano na sua essência, conforme as palavras de Navarro (2005):

Acreditamos que todo acontecimento ético pressupõe um acontecimento estético e, assim, ser necessário um entendimento maior dessa relação. De acordo com Bakhtin, o acontecimento estético é constitutivo e gerador do ser humano porque nele eu e o outro se complementam existencialmente, uma vez que implicam duas consciências não coincidentes no tempo, no espaço e nos valores. Dessa forma, situadas em planos diferentes entre si, trocam sentidos entre si, proporcionando uma a outra consciência sua razão de ser, seu acabamento. (NAVARRO, 2005, p. 109).

Portanto, através da linguagem, nós necessitamos das outras pessoas para estruturar o nosso pensamento e nossas ações cotidianas. É no diálogo com o outro é que construímos a nossa ser como

pessoa por intermédio da interpretação das ideias que o outro nos comunica. Assim, o outro nos interpela para se colocar no lugar dele para que possamos retornar ao nosso lugar e de forma concriativa concluir o seu pensamento, conforme Bakhtin in Navarro (2005):

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele, devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente da minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento. (BAKHTIN IN NAVARRO, 2005, p. 110)

Dessa maneira, o pensamento de Bakhtin, no que diz respeito ao aspecto ético que perpassa a existência humana, aproxima-se do pensamento de Freire em relação ao enlace da ética com a estética na vida, bem como da alteridade como categoria essencial na constituição das pessoas em torno da responsabilidade, da solidariedade, da reciprocidade e da cooperação ao outro.

Nessa direção, Bakhtin considera que todos os atos praticados pelos seres humanos, que se inserem nas questões sociais e históricas, devem ser impregnados de uma responsabilidade ética perante aos seus interlocutores no sentido da construção de proposições, em que as ações humanas sejam realizadas a partir de uma reflexão da realidade concreta da vida e pela elaboração, a partir dessa realidade, de conceitos que possibilitem perspectivas possíveis para o enfrentamento dos problemas advindos da concretude do mundo vivido. Essas perspectivas, para Bakhtin, sempre devem girar em torno das questões estéticas, éticas e políticas, que configuram os seres humanos no tocante a um mundo em se viva à igualdade na diferença. Isto é, um mundo erigido em valores construídos com base na solidariedade e na cooperação entre as pessoas.

Essa maneira de ver humano, “pelas lentes” de Bakhtin e Freire, como um ser inacabado, que através de seus atos responsáveis, podem contribuir na busca de alternativas para a consecução da decência e da beleza na sociedade, as quais devem pressupor a ética como uma das condições fundamentais para a elaboração de práticas pedagógicas com vistas a uma educação como prática amorosa e solidária, a qual deve ser fundamentada através da radicalidade ética da responsabilidade e do respeito ao outro, como afirma em um de seus últimos escritos deixados inacabados, em uma de suas cartas pedagógicas, o qual está impregnado de um discurso a favor dos oprimidos, conforme afirma (FREIRE IN ANDREOLA, 2011, p. 01): “Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros”. Enfim, o respeito à alteridade é uma condição prioritária para constituir propostas políticas e pedagógicas em torno de um trabalho comunitário em que o aspecto dialógico prevaleça em todos os momentos de ensino e de aprendizagem dos seres humanos, isto é, que as ações humanas sejam realizadas em palavras e gestos que culminem na intertroca recíproca de saberes entre os sujeitos do processo histórico, cultural e social.

Diálogo como fundamento para a constituição do ser humano com vistas à promoção da dádiva, da cooperação e da reciprocidade.

Ao pensarmos em uma educação como prática solidária, o diálogo apresenta-se como uma categoria fundamental para apontar caminhos alternativos fundados na dádiva, na reciprocidade e na cooperação frente ao mundo dominado pelo paradigma utilitarista centrado no individualismo.

Em Freire e em Bakhtin, podemos encontrar elementos para a constituição de uma educação assentada em valores humanos fundamentais para a construção de uma sociedade menos desigual, já que esses autores colocam o diálogo como categoria imprescindível para a promoção de um mundo justo. Assim, pela visão enunciada, tanto por Freire e Bakhtin, o diálogo é o que constitui o ser humano nas suas vivências sócio-culturais imersas na história.

Ao longo dos seus escritos, Freire enfatiza que o ser humano, através da linguagem, se constitui na relação com os outros e com o mundo que o cerca. Estas relações, para Freire, devem ser sustentadas na enunciação da palavra pelas pessoas, como algo que contenha na fala, duas dimensões entrelaçadas (ação e reflexão), as quais fundamentam o diálogo com os seus interlocutores, visando à transformação da realidade vivida, como anuncia Freire:

Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também. Seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas se resente imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (FREIRE, 1996, p. 89).

O diálogo verdadeiro acontece no encontro de homens e mulheres, imersos no mundo da vida, que buscam a transformação desse mundo, através da linguagem enunciada por esses, no que tange a superação de situações existenciais de natureza opressiva, com vistas à construção de caminhos possíveis para a realização de uma humanidade plena, a qual está fundada em aspectos de reciprocidade, solidariedade e cooperação. Nesse sentido, esse tipo de diálogo exige que os dois pólos da relação humana atuem de forma recíproca. Ou seja, um dos pólos dessa relação não pode tornar o outro objeto pela imposição do seu pensamento.

Assim, o diálogo somente se viabiliza através da reciprocidade de ideias, entre os pólos da relação, as quais são assentadas na amizade e na solidariedade mútua entre os atores sociais, na convivência e na responsabilidade, perante a situações existenciais do mundo, conforme enfatiza (VON ZUBEN, 1981, p. 03): “A responsabilidade se torna então o nome ético da reciprocidade, uma vez que a resposta autêntica se realiza no encontro inter-humano no domínio da existência comum”.

As relações inter-humanas presentes nas práticas pedagógicas, fundadas na educação como prática de solidariedade (educação dialógica) e na ética da responsabilidade, são realizadas de maneira horizontal entre os sujeitos, os quais agem no sentido do estabelecimento e da confiança entre esses, como diz (FREIRE, 1996, p. 94): “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé dos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia”.

Nos escritos de Bakhtin, a exemplo de Freire, também encontramos os atos de reciprocidade, pelas suas características éticas e responsivas, e a linguagem (que organiza o pensamento) como aspectos fundamentais na constituição dos sujeitos. É através da linguagem que as pessoas interagem socialmente. Para Bakhtin, as relações sociais entre as pessoas se estabelecem de forma dialógica, a qual é constitutiva do ser humano e se dá a partir da interlocução de várias vozes. Ou seja, a enunciação da palavra requer a presença do outro para dar sentido à conversação. A respeito da enunciação e do diálogo, expressa (BAKHTIN, 2006, p. 106): “Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, esse pode ser substituído pelo representante médio do grupo social a qual pertence o locutor”.

Assim, os indivíduos tornam-se sujeitos a partir da interação social pela comunicação de enunciados, que giram em torno de fundamentos enraizados na dialogismo e na alteridade. O dialogismo possibilita a

construção social através do encontro de subjetividades, já a alteridade é realizada a partir do respeito e no acolhimento ao outro. Isto é, colocar o outro no lugar do ser. A esse respeito, Navarro (2005) afirma que para Bakhtin:

Os conceitos de dialogia e alteridade são inseparáveis. A alteridade é instaurada pelo o outro, pressupõe a existência do outro; e a dialogia é a relação entre o eu e o outro, a partir do outro podemos nos diferenciar e ser outros. Nós nos constituímos pelo o outro, como seres de linguagem, nas relações sociais. (NAVARRO, 2005, p. 58).

A linguagem, exercida pela elocução da palavra, na perspectiva de Bakhtin, funciona com veículo para a constituição das consciências dos sujeitos a partir do diálogo em uma comunidade formada por várias vozes. A respeito da importância do papel da palavra no exercício do diálogo e da interação social, temos que:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançado entre mim e o outro. Se ele se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre um interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN IN GERALDI, 2011, p. 15).

Nessa perspectiva apontada por Bakhtin e Freire, a linguagem proferida pelos sujeitos em interlocução (no diálogo) possibilita o entendimento em torno de temas humanos, como a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação dentro de uma comunidade de argumentação. As palavras dadas e recebidas, no diálogo crítico pelos sujeitos promovem à construção e a transformação social dessa comunidade no sentido da superação de problemas do cotidiano (como a desigualdade e a opressão), os quais estão presentes na maioria das organizações sociais do mundo, e do anúncio – a partir da denúncia desses problemas – de um futuro mais humano e solidário.

Em contextos de crise que vivemos na contemporaneidade, provocada pela lógica da globalização, assentada no lucro e no individualismo exacerbado, a promoção de um mundo mais humano e solidário torna-se urgente. Os pensamentos de Bakhtin e de Freire em torno do diálogo e da alteridade contribuem na construção desse mundo, que se configura pela dádiva e reciprocidade no sentido da aceção de Mauss (2008): “A vida é um constante dar, receber e redistribuir”.

Considerações finais

A reflexão sobre as possíveis complementaridades entre autores, como Bakhtin e Freire, que anunciam perspectivas para a reconstrução de um mundo mais humano e solidário em contraposição à realidade, dos dias atuais, dominada pelo paradigma utilitarista, fundamentado no interesse e no egoísmo dos indivíduos, apenas se encontra na etapa inicial.

Sabemos que a constituição do pensamento, em torno de um “outro mundo possível”, assentado no paradigma antiutilitarista da dádiva, da reciprocidade e da cooperação, deve ser construído por várias vozes em diálogo para responder aos grandes problemas e desafios que afligem à humanidade.

Nessa direção, fazem-se necessário que educandos e educadores atuem de maneira crítica nos diversos espaços educativos, a partir da releitura de autores sintonizados com o paradigma antiutilitarista, como Freire e Bakhtin, problematizando sobre os grandes temas humanos, tais como: o diálogo, a ética da alteridade, a reciprocidade e a cooperação. E a partir da problematização sobre esses temas, possam indicar caminhos possíveis para a construção de uma sociedade onde se viva à igualdade na diferença. Corroboramos com as ideias, acerca da construção sócio-cultural e histórica, pelo diálogo, e pela ética

da responsabilidade e do acolhimento na constituição das subjetividades a partir de Freire e Bakhtin, conforme escreve Geraldi (2011):

No diálogo encontra-se a estratégia da construção social apontada pelos autores; na alteridade encontra-se a forma única de constituição da subjectividade; na linguagem, o lugar do encontro e desencontro dos homens. Significar o mundo, tornando a vida existência parece ser o ponto nevrálgico de aproximação dos dois autores. (GERALDI, 2011, p. 51)

Por fim, salientamos que o diálogo e a ética da alteridade, presentes nas obras de Freire e Bakhtin, podem contribuir para processos pedagógicos que levem à transformação da realidade social, já que esses autores consideram que a vida é assentada em aspectos estéticos, éticos e políticos. Dessa forma, poderemos vislumbrar perspectivas para a construção de uma sociedade, na qual prevaleça a igualdade na diferença.

Assim, é necessário aprofundar as possíveis aproximações desses autores com outros autores no sentido de uma convergência em favor de uma educação que promova práticas pedagógicas fundamentadas na dádiva, na reciprocidade e na cooperação no mundo das organizações sociais. Ou seja, que a educação seja impregnada de valores de acolhimento ao outro e que a decência e a beleza atuem de forma entrelaçadas na convivência entre educandos, educadores e demais membros da sociedade.

Por outro lado, apesar deste artigo apontar possíveis caminhos da emersão de uma educação como prática de cooperação e de solidariedade a Partir de Freire e Bakhtin, há alguns limites a serem encarados no atual cenário social para a constituição desse tipo de educação. Um dos limites é o processo de formação de educadores que cada vez mais se consolida em função da exigência da lógica neoliberal do capital, ou seja, os professores – na maioria dos casos – são formados dentro de uma visão competitiva e individualista, que rege a ética neoliberal.

Em associação a essa dificuldade na formação de professores, verifica-se também na prática cotidiana a quase inexistência de projetos pedagógicos e políticos voltados para a consecução de uma educação como prática de cooperação. Diante disso, como últimas palavras, diríamos que é de extrema importância que se façam pesquisas orientadas em torno da cooperação e da solidariedade em oposição ao individualismo e a competitividade do sistema econômico, político e social vigente. Estas pesquisas devem se orientar por uma práxis que combine a ética e o diálogo como pilares para a edificação de uma sociedade em que caibam todas as pessoas, isto é, que a razão neoliberal da ganância e do lucro ceda lugar à razão do amor revolucionário forjado na dignidade da pessoa como um ser que compartilha os frutos do seu trabalho e do seu conhecimento com o outro de maneira solidária na e com a comunidade humana, cujo fim primeiro seja a edificação da igualdade social e cognitiva concomitante com a assunção do reconhecimento das diferenças culturais e de saberes de todas as pessoas.

Referências

- ANDREOLA, Balduino A. **Radicalidade ética da pedagogia do oprimido**. Disponível em: <http://ww1.unilasalle.edu.br/ojs/documentos/05>. Acesso em: 10 de dez de 2011.
- BAKHTIN, Michael. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Hucitec, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. Paulo. **Pedagogia do Compromisso**. Rio de Janeiro: Villa das Letras, 2008.
- GERALDI, João W. **Paulo Freire e Michael Bakhtin: o encontro que não houve**. Disponível em: www.ipfp.pt/public.html. Acesso em: 12 de dez de 2018.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MOURIN, Edgar. **O Método**. – VOL. I – A Natureza da Natureza. Lisboa: Publicações Europa – América, 1997.

NAVARRO, Almira. **Diálogos e Reflexão**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, UFRN, 2005.

SABOURIN, Eric. **Educação, Dádiva e Reciprocidade: Reflexões Preliminares**. Disponível em: <http://www.jornaldomauss.org/periodico/?p=659> Acesso em: 11 de dez de 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAVATER, Fernando. **O Valor de Educar**. São Paulo: Editora Planeta, 2005.

ZUBEN Von, Newton Aquiles. **O Primado da Presença e o Diálogo em Martim Buber**. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/vonzuben/> Acesso em: 20 de dez de 2018.

Subetido em: 13.02.2019

Aceito em: 15.12.2020